

Contribuições de recursos digitais para a disciplina Linguagem Musical: possibilidades para a ampliação do repertório

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Darcy Alcantara Neto¹
Universidade de São Paulo (USP)
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
darcy.alcantara@ufes.br

Resumo. O artigo apresenta um recorte dos resultados de uma pesquisa iniciada durante o período da pandemia de Covid-19, com o objetivo de catalogar recursos digitais gratuitos para a aquisição de habilidades relacionadas à disciplina Linguagem Musical, no âmbito dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música da Universidade Federal do Espírito Santo. A pesquisa categorizou os recursos encontrados em: editores, jogos e exercícios, repertório, pedagogias e outros. Neste artigo, é apresentada uma amostra exemplificativa de recursos relacionados à categoria "repertório", destacando seu potencial para a ampliação e diversificação de práticas de ensino adequadas ao estudante ingressante no ensino superior, além de fornecer breves sugestões didáticas de aplicação. O trabalho intenciona promover ainda uma breve reflexão sobre questões emergentes no campo da pedagogia da teoria musical, em especial sobre as contribuições de tecnologias digitais para uma pedagogia contemporânea, que não reproduza os aspectos problemáticos presentes em uma abordagem mais tradicional da disciplina, conforme alerta a literatura especializada.

Palavras-chave. Teoria musical, Percepção musical, Ensino superior, Repertório, Tecnologia.

Title. Contributions of Digital Resources to Aural Training Classes: Possibilities for Expanding the Repertoire

Abstract. The article presents a selection of results from a research project initiated during the Covid-19 pandemic period, with the aim of cataloging free digital resources for acquiring skills related to aural training classes at Federal University of Espírito Santo. The research categorized the found resources into: editors, games and exercises, repertoire, pedagogies, and others. In this article, an exemplary sample of resources related to the "repertoire" category is presented, highlighting its potential for expanding and diversifying teaching practices suitable for students entering higher education, along with brief didactic suggestions for their application. The work also intends to promote a brief reflection on emerging issues in the field of music theory pedagogy, particularly regarding the contributions of digital technologies to contemporary pedagogy, which should not replicate the problematic aspects present in a more traditional approach to the discipline, as warned by specialized literature.

Keywords. Music Theory, Aural Training, Higher Education, Repertoire, Technology.

¹ Doutorando em Música na Universidade de São Paulo (USP) e Professor Adjunto IV na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Introdução

Este artigo apresenta um recorte dos resultados de um levantamento de recursos digitais para a aprendizagem de habilidades auditivas na disciplina Linguagem Musical, ministrada para estudantes ingressantes nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música, no âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo. A investigação foi iniciada ainda no período da pandemia de Covid-19, quando entrou em vigor o Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial (Earte), devido às medidas de distanciamento social que levaram à suspensão das aulas presenciais — aliás, uma realidade comum a instituições de ensino em todo o país (MOREIRA, 2023, p. 41).

Em resposta à necessidade de reformular estratégias de ensino outrora praticadas em regime presencial, formulou-se assim o objetivo principal da pesquisa: coletar e sistematizar recursos digitais de livre acesso e gratuitos para aprendizagens relacionadas ao campo da teoria e percepção musical. Adicionalmente, os recursos foram catalogados, acrescidos de orientações didáticas e disponibilizados aos estudantes na plataforma adotada para o ensino remoto, o *Google Classroom*. Posteriormente os recursos foram sistematizados na forma de um blog. Outros aspectos sobre a metodologia (procedimentos de análise e categorização dos dados, incluindo buscadores e palavras-chave utilizados), são expostos com maior detalhamento em Alcantara Neto (2023).

Delineamentos teóricos

Entre inúmeros trabalhos que propõem recursos digitais para o ensino remoto, destaca-se o de Barros (2020), que parte de uma reflexão crítica sobre o acesso aos recursos digitais, debatendo as ideias de imigrante e nativo digital, e as dificuldades que pode experimentar o professor ao se deparar com a realidade do ensino remoto. O autor menciona a ação de universidades e associações, no Brasil e no exterior, no sentido de organizar repositórios digitais contendo recursos para o ensino de música, mas alerta também para uma dificuldade que pode surgir neste processo de busca e catalogação:

Ao deparar-se com um número tão extenso de recursos, o professor de música deve atentar para algumas questões. A primeira delas é concernente ao gerenciamento da grande monta de informações disponibilizadas. Para que não haja uma sobrecarga de trabalho numa dinâmica tão modificada, sugiro a busca de materiais por áreas e temáticas de interesse particular, que possam contribuir para a situação profissional específica e individual. (BARROS, 2020, p. 301)

Atendendo a esse alerta, esta pesquisa não se propôs a um mapeamento exaustivo, considerando a enorme quantidade de materiais disponíveis *online*, na forma de sites, jogos, softwares, aplicativos, ebooks, vídeos, repositórios, etc. O critério de inclusão dos recursos esteve relacionado a sua capacidade de proporcionar contribuições para a abordagem já empregada presencialmente, que intenciona oferecer uma perspectiva holística e contextualizada de aprendizagem da disciplina, em sintonia com necessidades apontadas por pesquisadores da área (MOREIRA, 2023; OTUTUMI, 2013; BARBOSA, 2009), e também sugeridas por estudantes (GUTIERREZ, 2018; ALCANTARA NETO, 2010).

Ainda antes da pandemia, a revisão de Garcia et al. (2020), sobre a produção disponibilizada no site da *International Society for Music Education* (ISME) entre os anos de 2012 e 2018, já identificava “autores que falam da utilização de aparelhos e aplicativos digitais que auxiliam o ensino e aprendizagem de música”. Assim, em menor dimensão, este trabalho se assemelha a outros, como Rodrigues (2013) e Moreira (2023), que investigaram a importância de tecnologias digitais específicas para o ensino-aprendizagem de teoria e percepção musical, nos contextos respectivos de uma universidade e de um projeto social.

Resultados

Em síntese, a pesquisa categorizou os recursos encontrados em: editores, jogos e exercícios, repertório, pedagogias e outros. A seguir, são listados parte dos resultados, referentes a exemplos significativos dentro da categoria "repertório", emoldurando-os com comentários didáticos disponibilizados aos estudantes, e contextualizando-os à luz da literatura recente sobre tecnologias para o ensino de música, em geral, e de teoria musical.

Para melhor caracterização didática, os resultados foram divididos em três subseções: recursos para uma abordagem mais tradicional de solfejos e ditados, sites para o trabalho com a música popular, e repositórios de partituras que atendam aos critérios de confiabilidade e qualidade editorial.

Abordagem tradicional de solfejos e ditados

O primeiro conjunto de recursos aborda repertório considerado mais tradicional para atividades de solfejo e ditado — similar a melodias apresentadas, por exemplo, em Ottman e Rogers (2007). Incorpora, assim, temas de música de concerto e outras melodias de domínio

público, como canções folclóricas de diferentes países, em especial da Europa e dos Estados Unidos. A título de exemplificação, foram selecionadas três referências (Tabela 1).

Tabela 1 – Repertório em uma abordagem tradicional de solfejo e ditado

Título	Endereço (link)	Detalhamento
Eyes and Ears: An Anthology of Melodies for Sight-Singing	www.lightandmatter.com/sight/sight.html	De autoria de Benjamin Crowell, a coletânea apresenta 400 melodias adequadas ao solfejo, em ordem crescente de dificuldade.
Dictionary of Musical Themes	archive.org/details/dictionaryofmusi00barl	Publicado em 1949 por Sam Morgenstern e Harold Barlow, apresenta mais de 10.000 temas clássicos, e um índice em Dó móvel.
The Directory of Tunes and Musical Themes	www.musipedia.org/melodic_contour.html	Denys Parsons publicou, em 1975, o referido guia, que utiliza uma outra abordagem para a busca melódica: o contorno musical.

Fonte: Elaboração própria

Para a prática de solfejo, o ebook *Eyes and Ears: An Anthology of Melodies for Sight-Singing*, de autoria de Benjamin Crowell, apresenta 400 melodias que podem ser utilizadas na prática da leitura cantada à primeira vista. As melodias estão ordenadas em dificuldade crescente, a partir de critérios como composição intervalar e complexidade rítmica. Há ainda anotações didáticas úteis para a auto-instrução. O material está disponível gratuitamente e, segundo o site, tem sido utilizado por instituições como a University of Southern Mississippi, nos Estados Unidos, e a University of Guilan, no Irã.

Para transcrições ou ditados, um dos materiais sugeridos foi a obra *Dictionary of Musical Themes*, publicada originalmente em 1949 por Sam Morgenstern e Harold Barlow. O dicionário enumera mais de 10.000 temas, predominantemente obras clássicas, incluindo ao final um índice de conteúdo em Dó móvel. O material está disponível no site *Internet Archive*², uma biblioteca virtual sem fins lucrativos com milhões de livros, músicas, filmes, softwares e sites gratuitos. O Dicionário também alimenta um site³ que permite tocar a melodia em um teclado virtual, não importando a tonalidade, para recuperar o tema desejado.

² Disponível em: <https://archive.org>.

³ Disponível em: <http://bestclassicaltunes.com/DictionaryPiano.aspx>. No momento da revisão deste artigo, contudo, o site não se encontrava disponível, informando: "bestclassicaltunes.com is coming soon".

A obra de Barlow e Morgenstern pode fundamentar uma abordagem para o ditado musical que considere a memória e a enculturação musical do estudante (SLOBODA, 2008), mais especificamente seu conhecimento auditivo de melodias do repertório de concerto. Para ilustrar tal utilização, foi elaborado o seguinte comentário:

Muitas vezes conhecemos uma melodia mas não sabemos o título, compositor, nem tampouco como encontrá-la, sobretudo quando não temos acesso a informações extramusicais. Metadados como título e compositor — ou trechos da letra, quando se trata de uma canção — facilitam esse trabalho de busca. Mas e quando tudo o que sabemos é cantarolar a melodia? Neste caso, os dicionários de temas musicais são bastante úteis. São coletâneas de melodias, com índices que permitem a busca por conteúdo musical. O interessante é que, como provavelmente desconhecemos a tonalidade original da composição, a informação registrada no índice — o começo dos temas musicais presentes ao longo de cada obra — está representada em solfejo relativo (Dó móvel), sem prejuízo da informação da tonalidade original, que consta no índice principal. (Exemplo de comentário didático acerca dos dicionários de temas musicais)

As Figuras 1 e 2 ilustram o processo de investigação de uma melodia que pode ser conduzida por estudantes, individualmente ou em pequenos grupos. A partir de uma prática vocal, um "cantarolar de memória", ou mesmo de uma audição deliberada, por exemplo, de *Eine Kleine Nachtmusik* (K. 525), de Wolfgang A. Mozart, pode-se reconhecer os graus melódicos iniciais, em Dó móvel, levando então à entrada "M754" no dicionário (Figura 1).

Figura 1 – Notation Index, evidenciando a entrada de *Eine Kleine Nachtmusik*, M754, em Dó móvel

C G C D G E	K75	C G C G C E G E	S478
C G C E C C	S1638	C G C G C E G F#	B1784
C G C E C E G E C	M745	C G C G C E b	P328
C G C E C E G E G	M1002	C G C G C G A b	P227
C G C E C E G G E	B850	C G C G C G C B	T310
C G C E C E G G G	H306	C G C G C G C E	M754
C G C E C G C	C186	C G C G C G C G C	K109
C G C E C G D	C183	C G C G C G C G D	C576
C G C E D B	H194	C G C G C G D	C281
C G C E D C	S126	C G C G D G C	S209
C G C E D D	H703	C G C G D G D	C558

Fonte: Barlow e Morgenstern (1975, p. 560)

De posse de tal informação (a entrada no dicionário), o estudante consegue localizar a partitura com o tema em questão, na tonalidade original (Figura 2).

Figura 2 – Temas de obras de Mozart, com *Eine Kleine Nachtmusik* (M754) em destaque

MOZART	329	M752—M771
	3rd Movement	M752
	4th Movement	M753
Serenade in G, K 525, Str. Orch. <i>Eine Kleine Nachtmusik</i>	1st Movement	M754
	2nd Movement	M755
	3rd Movement 1st Theme Minuet	M756
	3rd Movement 2nd Theme Trio	M757
	4th Movement	M758

Fonte: Barlow e Morgenstern (1975, p. 329)

Uma abordagem similar para a busca de conteúdo musical é adotada na coletânea *The Directory of Tunes and Musical Themes* (1975), de autoria de Denys Parsons, e que subsidia outro site, também indicado na Tabela 1. Este diretório, ao invés das funções tonais, privilegia o contorno musical: aqui, é necessário definir se a melodia sobe (U, de *up*), desce (D, de *down*) ou mantém-se constante (-), a cada par de notas.

Acredito que a utilização dos dicionários de temas para a prática do ditado melódico é uma estratégia interessante para diversificar a abordagem do repertório de concerto. A atividade abre caminho para a reflexão sobre temas amplos, como memória musical, cognição, ouvido relativo e absoluto, os quais costumam instigar a curiosidade de alguns estudantes. Nesse sentido, eis outro comentário didático, incluído junto aos guias:

Você sabia? O estudo da memória musical é uma das tarefas mais importantes da cognição musical, e a maneira como representamos mentalmente os ritmos e melodias que escutamos é um dos aspectos desta temática. Como nos diz Sloboda (2008), as melodias podem ser compreendidas como estruturas abstratas ou simbólicas. Neste sentido, é possível afirmar que os dicionários de temas musicais, para funcionarem efetivamente, devem considerar tal nível de abstração do estímulo musical. Por este motivo, as notas reais escritas na pauta não são, costumeiramente, o principal aspecto a ser indexado pela mente, ressaltados os casos de ouvido absoluto. (Exemplo de comentário didático sobre dicionários de temas musicais)

Contudo, uma ressalva é importante: o repertório dos dicionários acima mencionados incorpora basicamente a música de concerto, em sua maior parte do assim denominado período da prática comum (do barroco ao romantismo). Portanto, é importante complementar o material com outras fontes, contemplando a música popular e de tradições orais, e favorecendo assim o contato com um repertório mais familiar ao estudante.

Recursos para o trabalho com a música popular

De fato, sabe-se que um grande desafio para o ensino de teoria e percepção musical é a incorporação de música popular, tanto em termos de repertório (KNOWLES; SHEA, 2022), quanto de práticas de ensino-aprendizagem (ALCANTARA NETO, 2010). A dificuldade se deve sobretudo ao fato do repertório característico das aprendizagens formais — incluindo as aprendizagens teóricas — estar centrado no repertório da música de concerto, distante portanto das experiências auditivas de muitos estudantes, que aprenderam música por meio de práticas informais de aprendizagem (GREEN; SMART, 2017).

É possível afirmar que ainda são poucos os materiais didáticos em português voltados ao desenvolvimento de habilidades auditivas que contemplem extensivamente a música popular (como, por exemplo, as publicações de Adamo Prince). Um outro aspecto dessa problemática, apontado por Knowles e Shea (2022), é o fato de que, mesmo nas transcrições existentes de música popular, o que vemos, com frequência, é o predomínio de artistas brancos, geralmente homens, e em sua maioria dos Estados Unidos e Inglaterra — Beatles e Led Zeppelin, por exemplo. Em síntese:

Current music theory pedagogy has been increasingly focused on the need to diversify and expand the repertoire discussed in the core curriculum. A majority of the mainstream pedagogical resources, namely, textbooks, focus almost exclusively on White male-composed western European art music. (KNOWLES; SHEA, 2022)

Moreira (2023), por sua vez, afirma que uma motivação para sua pesquisa se relaciona a sua própria vivência anterior de aulas de teoria e percepção, quando percebia “falta de sentido nos exercícios que eram trabalhados na disciplina, sempre muito distantes da música que fazíamos fora da sala de aula. Essa dificuldade me fez começar a procurar recursos tecnológicos que pudessem me auxiliar, de alguma forma, na prática desses conteúdos” (MOREIRA, 2023, p. 16).

Assim como Moreira (2023), e buscando se contrapor a esta realidade, apresentamos alguns recursos aos estudantes, dos quais dois foram selecionados para este artigo (Tabela 2).

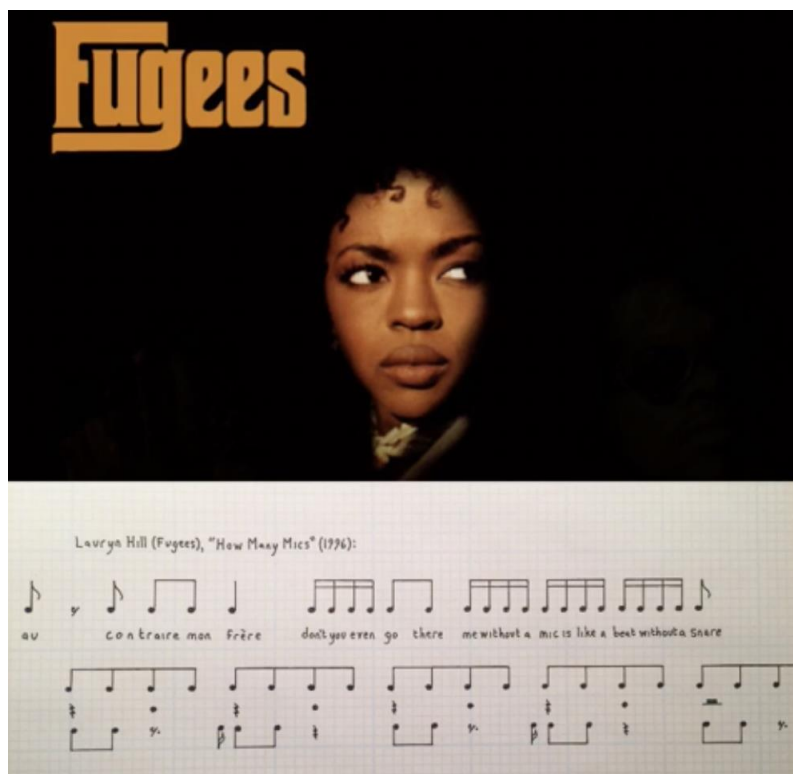
Tabela 2 – Exemplos de recursos online para abordagem de de música popular

Nome	Endereço (link)	Conteúdo
Hip Hop Transcriptions	hiphoptranscriptions.tumblr.com instagram.com/hiphoptranscriptions	Transcrições manuscritas de passagens de hip hop e outros gêneros, com a partitura acompanhada de áudio original.
Hook Theory	hooktheory.com/theorytab	Melodias e harmonias de canções populares transcritas em um <i>piano roll</i> interativo, acompanhado de áudio original e opção de MIDI.

Fonte: Elaboração própria

Com a premissa "Quem disse que só se estuda ditado rítmico com música de concerto?", apresentou-se aos estudantes o site *Hip Hop Transcriptions*, na forma de um Tumblr e de uma página do Instagram (Figura 3).

Figura 3 – Transcrição de *How many mics* (Lauryn Hill/Fugees) no site Hip Hop Transcriptions



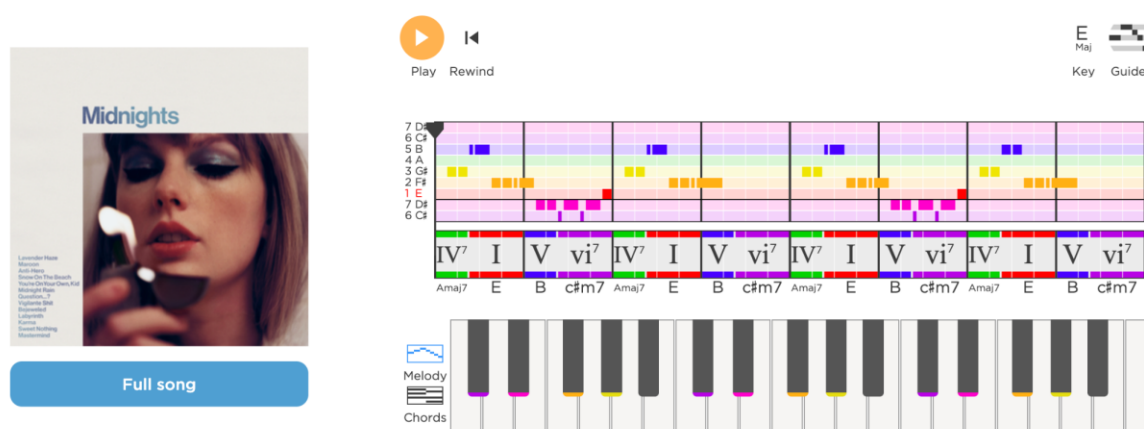
Fonte: Site Hip Hop Transcriptions – hiphoptranscriptions.tumblr.com

Ambos trazem transcrições aproximadas de pequenos trechos selecionados de peças conhecidas do hip hop e de outros gêneros musicais, incluindo partes de bateria, percussão, voz, baixo, piano, guitarra, etc. A folha quadriculada ajuda a compreender melhor a posição dos ataques dos sons em relação à pulsação e, por consequência, estipular a duração que devem ter na notação convencional. Vale explorar os fragmentos de artistas representativos do hip hop e outros gêneros, como Beyoncé, Aretha Franklin, James Brown, etc.

Outro site incluído, e que utiliza uma interface conhecida e intuitiva para a representação visual de música popular, é o *Hook Theory*. Com o mote "Tablaturas que mostram a teoria por trás das músicas", o site apresenta melodias e harmonias de milhares de canções populares e peças instrumentais transcritas para o *piano roll*, uma das principais formas de visualização do conteúdo musical em DAWs (Digital Audio Workstations). O site permite também buscar canções a partir de uma progressão harmônica (por exemplo, I-VI-IV-V). Para os alunos, sugeriu-se experimentar buscar canções conhecidas, explorando as opções disponibilizadas: alternar o som MIDI do piano com o áudio original (fornecido pelo YouTube), alterar andamento e tonalidade. Adicionalmente, chamou-se a atenção para a indicação dos graus melódicos (1, 2, 3) no canto esquerdo do teclado, posicionados ao lado dos nomes absolutos das notas, o que ajuda a compreender na prática a análise melódica funcional (móvel) e a visualizar os resultados das transposições (Figura 4).

Figura 4 – Visualização no *piano roll* de *Anti-Hero* (Taylor Swift), no site Hook Theory

“Anti-Hero” by Taylor Swift



Fonte: Site Hook Theory – hooktheory.com/theorytab

A ferramenta dialoga, em termos de potencialidades pedagógicas, com outro software mencionado em um dos artigos revisados por Garcia et al. (2020), o aplicativo *Solfeg.io*, "que contém músicas com faixas instrumentais e vocais separadas, facilitando o aprendizado de qualquer instrumento e a execução de música ao vivo junto com os colegas" (GARCIA et al., 2020, p. 39):

O aplicativo economiza tempo dos professores na preparação de materiais. Os professores podem escolher músicas com as quais seus alunos se sintam mais envolvidos, podendo ajustar as tarefas da aula para diferentes níveis de experiência, considerando o tamanho da sala de aula e os instrumentos musicais disponíveis. (GARCIA et al., 2020, p. 39).

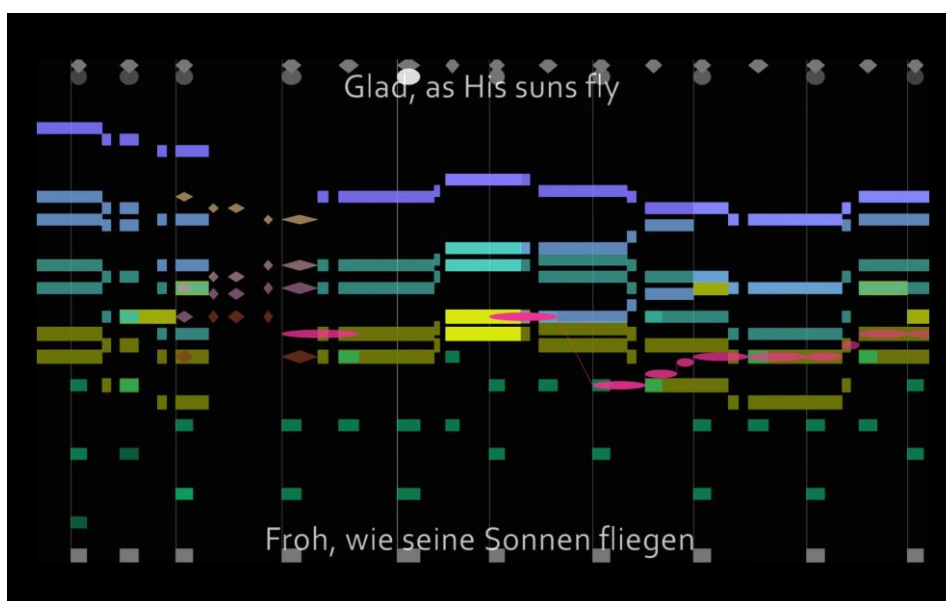
O contato com outras formas de visualização musical amplamente conhecidas no meio profissional, por sua utilização em sequenciadores e DAWs, mas quase ausentes em livros de teoria e percepção musical, permite tratar de assuntos tão diversos como a história das tecnologias de registro e armazenamento musical, como busquei evidenciar neste comentário didático:

Você conhece o *piano roll*? Originalmente, consistia de uma forma de armazenamento musical por meio de rolos de papel perfurados. Você já deve ter assistido a filmes de faroeste, em que uma pianola (um piano mecânico, pneumático ou elétrico) executa música de maneira automática, isto é, sem a presença de um intérprete. Esta adaptação mecânica do piano foi muito presente no final do século XIX e começo do século XX. O piano roll é considerado precursor da programação computacional, que, em seus primórdios, utilizava cartões perfurados como forma de armazenar dados e instruções para cálculos. Quem diria, não é mesmo? (Exemplo de comentário didático sobre o *piano roll*)

Alguns livros de teoria musical, como Kostka e Payne (2004), apresentam a partitura como um plano cartesiano, com o eixo horizontal representando o tempo (ritmo) e o vertical as alturas (notas). Tal concepção fica mais evidente no *piano roll* e, para quem aprende a notação, tal visualização pode funcionar eventualmente como uma abordagem mais intuitiva para revelar conceitos musicais como ritmo, melodia, escala, grau melódico, intervalo, posição métrica, duração, etc. Com as visualizações alternativas, pretende-se compensar o fato de que, embora as tecnologias sejam muito difundidas, no ambiente acadêmico ainda "não há uma valorização dos discursos, práticas e notações musicais gerados pelas TDIC e cultura participativa digital, o que aumenta a responsabilidade das instituições formativas de problematizar os mais diversos gêneros musicais, não somente os do sistema tonal" (BARROS, 2000, p. 296-297).

No YouTube, é possível encontrar uma expressiva quantidade de visualizações de música desta maneira, como por exemplo o 4º Movimento da 9ª Sinfonia de Ludwig van Beethoven (Figura 5). Com o suporte visual, estudantes iniciantes podem eventualmente identificar com mais clareza a individualização das partes instrumentais e vocais, as mudanças de andamento, as células rítmicas e melódicas, as diferentes texturas orquestrais (monofônica, homofônica e polifônica), os contrapontos e imitações entre as vozes, e assim por diante.

Figura 5 – Visualização no formato *piano roll* de trecho do 4º movimento da 9ª Sinfonia (Beethoven)



Fonte: YouTube – www.youtube.com/watch?v=ljGMhDSSGFU

Fontes confiáveis para a busca de partituras

Por último, a busca de partituras por estudantes deve ser empreendida prioritariamente em fontes confiáveis. Isto significa ser tão criterioso quanto com a busca por fontes bibliográficas e gravações. A experiência docente mostra que o cuidado na busca e na escolha de partituras, privilegiando aquelas com notória qualidade de transcrição e editoração, necessita ser explicitamente endereçado em um programa de ensino. As aulas de Linguagem Musical constituem assim um espaço privilegiado para se trabalhar tais noções, e também para abordar os papéis na cadeia de produção de uma partitura: compositor, arranjador, orquestrador, editor, copista, etc.

Além de se alertar para o cuidado com os resultados de pesquisas feitas em buscadores como o *Google*, que podem retornar partituras e cifras de qualidade duvidosa, isto é, que não

representam adequadamente as obras, percebi a necessidade de indicar explicitamente repositórios que oferecessem partituras com boa qualidade editorial (Tabela 3).

Tabela 3 – Exemplos de repositórios para buscas de partituras

Nome	Endereço (link)	Conteúdo
International Music Score Library Project (IMSLP)	imslp.org	Partituras e gravações da tradição clássica ocidental, incluindo fac-símiles.
Choral Public Domain Library (CPDL)	cpdl.org	Composições e arranjos para coral e outras formações vocais.
Cancioneiro Jobim	www.jobim.org/jobim/handle/2010/10868	Obras de Tom Jobim, com transcrição para piano, voz e cifras.
Funarte	www.gov.br/funarte/pt-br/incentivo-e-apoio-a-arte/musica/partituras-brasileiras-on-line	Partituras de música popular, obras clássicas e para bandas de música.

Fonte: Elaboração própria

Para introduzir as duas primeiras fontes indicadas na Tabela 3, IMSLP e CPDL, optou-se pelo seguinte comentário didático, realçando suas contribuições para a área:

O site *International Music Score Library Project* (IMSLP), criado em 2006, é a principal fonte para para download de partituras da tradição clássica ocidental, trazendo inclusive fac-símiles de manuscritos e, mais recentemente, gravações. A maior parte das obras está em domínio público, ou teve sua divulgação autorizada pelos respectivos compositores e editores. Os números impressionam: 169.142 obras, 20.430 compositores, 541.305 partituras e 64.928 gravações. Por sua vez, o repositório *Choral Public Domain Library* (CPDL), fundado em 1998, apresenta também milhares de composições e arranjos para coral e outras formações vocais (a cappella ou com instrumentos). São 36.785 obras de 3.658 compositores.⁴ (Exemplo de comentário didático acerca de repositórios).

Para a música popular, recomendou-se o site do Instituto Antônio Carlos Jobim, que disponibiliza gratuitamente o Cancioneiro Jobim, uma seleção de obras do compositor. A cuidadosa transcrição harmônica para piano, voz e cifras, realizada por Paulo Jobim a partir de gravações icônicas e de manuscritos, pode ajudar o estudante a compreender algumas das tensões nos acordes, pelo estudo da condução de vozes. Um outro exemplo de repositório listado

⁴ Dados de 21/11/2020.

é o site da Fundação Nacional de Artes (Funarte), que, desde 2017, disponibiliza 1.200 partituras cedidas por mais de 15 instituições e alguns compositores. Além de partituras de música popular, há obras clássicas e para bandas de música.

Ainda que o foco da pesquisa esteja inteiramente em recursos de livre acesso e gratuitos, houve espaço também para sugerir obras encontradas em nossas bibliotecas universitárias; para a música popular brasileira, por exemplo, os songbooks da Editora Lumiar e Irmãos Vitale, iniciados por Almir Chediak, e que contemplam nomes como Chico Buarque, Gilberto Lee e Rita Lee, assim como coletâneas, publicadas por outras editoras, sobre a obra de Charlie Parker, Jimi Hendrix e Pearl Jam, entre tantos outros. Pode-se chamar a atenção para o fato de que, na maior parte dos casos, trata-se de partituras transcritas a partir de gravações, diferentemente da música de concerto, usualmente escrita e depois interpretada.

A título de curiosidade, considerei válido mencionar também a recente existência de serviços de *streaming* de partituras, como a *Pass/Sheet Music Direct*, que dá acesso a 200.000 partituras da editora Hal Leonard. Em algum momento, é possível que tais serviços se tornem mais acessíveis financeiramente, ou se tornem objeto de assinaturas institucionais por parte de escolas de música e universidades, como já acontece com outras bases de dados (por exemplo, a Enciclopédia Grove, disponibilizada no Portal Periódicos via MEC/CAPES).

À guisa de reflexão final

Em seu conjunto — do qual apresentou-se aqui apenas um recorte⁵ — as proposições levantadas nesta pesquisa exemplificam, ainda que resumidamente, alguns dos temas identificados no mapeamento de Garcia et al. (2020, p. 39): “a relação de algumas plataformas digitais de ensino e aprendizagem musicais junto à sala de aula, a exploração de mídias sociais no ensino de música, as experiências com cursos online, exploração de recursos gráficos do computador, utilização pedagógica de ambientes virtuais, entre outros”.

Um aspecto relevante está relacionado à formação, em especial, do licenciando. A revisão de Garcia et al. (2020, p. 36) identifica alguns "autores que lembram a necessidade de melhor preparar os professores frente às tecnologias disponíveis na atualidade", além de "trabalhos que tratam das dificuldades de alguns professores e da constante necessidade de

⁵ Para outro recorte do levantamento aqui apresentado, abordando editores de partitura e DAWs, remeto a Alcantara Neto (2023).

atualização para atuar na contemporaneidade, assim como aqueles que problematizam a formação dos futuros professores e de seus cursos de graduação".

Na verdade, alguns dos trabalhos revisados por Garcia et al. (2020, p. 37) apontam que “O uso do ambiente virtual auxilia o exercício dos professores atuantes na rede básica e pública. Esses professores desenvolvem proficiência no uso didático-pedagógico de tecnologias digitais através de atividades online”, explicitando as “dificuldades que a educação superior apresenta ao modificar suas práticas e normas na tentativa de adequar-se aos estudantes de hoje”. Outros estudos compilados revelam ainda “uma preocupação dos educadores em desenvolver o entendimento das relações entre jovens, novas mídias e escola”, considerando a inserção dos mais jovens na cibercultura, já nativos digitais.

Nesse sentido, acredito que foi possível contribuir para a formação de estudantes de Música em nossa instituição, bem como para a redução da evasão de estudantes matriculados — um problema que se intensificou durante a pandemia de Covid-19 — diversificando as formas de aprendizagem e proporcionando a aquisição dos conhecimentos em vivências mais significativas, em especial ao contemplar repertórios e abordagens didáticas mais próximas dos estudantes. Busquei cumprir também com a democratização do acesso ao conhecimento sobre a linguagem musical, pela possível difusão dos recursos interativos via estágios e outras experiências formativas conduzidas pelos próprios graduandos. Uma possível lacuna está no fato da maior parte dos recursos estarem em inglês, o que pode representar uma barreira de acesso a muitos.

Em síntese, por meio deste trabalho, empreendi uma breve reflexão sobre questões emergentes no campo da pedagogia da teoria musical, referentes à ampliação do repertório, oferecendo uma contribuição concreta em termos de sugestões de recursos disponíveis gratuitamente para a formação do graduando em Música. Acredito, assim, estar em sintonia com alguns dos artigos revisados por Garcia et al. (2020, p. 38), que afirmam que “o foco para o aprendizado não é o método da plataforma online; este é apenas um meio pelo qual serão discutidas formas e abordagens mais contemporâneas para melhor funcionamento das aulas em sala”, identificando ainda o “interesse de entender quais funções a tecnologia pode trazer positivamente para o ensino de música”. Naturalmente, o trabalho não tem a intenção de esgotar o assunto, mas sim contribuir para a constituição de experiências formativas em um campo em constante transformação.

Referências

- ALCANTARA NETO, D. *Aprendizagens em percepção musical: um estudo de caso com alunos de um curso superior de música popular*. Belo Horizonte, 2010. 243 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- ALCANTARA NETO, D. Levantamento de tecnologias para a aprendizagem de teoria e percepção musical no ensino superior: editores de partitura e DAWs. In: XXIII CONGRESSO DA ANPPOM, 2023, São João del-Rei, MG. *Anais...* São João del-Rei, MG: 2023.
- BARBOSA, M. F. S. *Percepção musical como compreensão da obra musical: contribuições a partir da perspectiva histórico-cultural*. São Paulo, 2009. 157 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BARLOW, H; MORGENSTERN, S. *A Dictionary of Musical Themes* (revised edition). New York: Crown Publishers, 1975.
- BARROS, M. H. da F. Educação musical, tecnologias e pandemia. *ouvirOUver*, v. 16, n. 1, p. 292-304, 24 jul. 2020.
- GARCIA, M. et al. A temática das tecnologias e a educação musical: uma revisão integrativa das publicações de eventos internacionais da Isme entre 2010 e 2018. *Revista da Abem*, v. 28, p. 28-45, 14 nov. 2020.
- GREEN, L.; SMART, T. Learning Music: Informal Processes and Their Outcomes. In: ASHLEY, R.; TIMMERS, R. (Ed.). *The Routledge companion to music cognition*. New York: Routledge, 2017. p. 427-439.
- GUTIERREZ, J. A. W. Students Evaluate Music Theory Courses: A Reddit Community Survey. *College Music Symposium*, v. 58, n. 2, 2018.
- KNOWLES, K. L.; SHEA, N. J. From Counterpoint to Small Forms A Cross-Stylistic Approach to Centering Black Artists in the Theory Core. In: HOAG, M. (Org.). *Expanding the Canon: Black Composers in the Music Theory Classroom*. 1. ed. New York: Routledge, 2022. p. 40-54.
- KOSTKA, S.; PAYNE, D. *Tonal harmony: with an introduction to twentieth century music*. New York: McGraw-Hill, 2004.
- MOREIRA, C. C. *Educação musical e o uso da tecnologia: as TDIC's no estudo da percepção musical em um projeto social*. Rio de Janeiro, 2023. 129 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- OTTMAN, R. W.; ROGERS, N. *Music for Sight Singing*. New Jersey: Prentice-Hall, 2007.
- OTUTUMI, C. H. V. *Percepção musical e a escola tradicional no Brasil: reflexões sobre o ensino e propostas para melhoria no contexto universitário*. Campinas, 2013. 344 f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.
- RODRIGUES, P. C. *Ouvir e fazer música com compreensão: diagnóstico do desenvolvimento da percepção musical de licenciandos em música e indicações de softwares para superação de dificuldades*. Dissertação (Mestrado em Artes)—Belém: Universidade Federal do Pará, 2013.
- SLOBODA, J. *A mente musical: A psicologia cognitiva da música*. Londrina: EDUEL, 2008.